

O tema principal do livro - um modelo de transformação do self na vida adulta - é atravessado por outros temas que, simultaneamente, o compõem, ou que pelo menos se encontram profundamente ligados a ele. São reflexões sobre a questão da constituição da subjetividade e seu devir - a constituição de um estilo próprio; sobre o encontro da feminilidade; sobre o tema da criatividade - o da criação da psicanálise e de como cada psicanalista (re)inventa o seu próprio modo de ser analista e de construir a psicanálise. A transformação psíquica é um tema complexo e um tanto envolto em mistérios e enigmas, que, mais do que desvendados, devem paradoxalmente ser aceitos, sob o risco de não se chegar a lugar algum. Para tanto, é preciso uma linguagem que não aprisione aquilo de que se pretende tratar: metamorfoses.

A autora prefere deixar conceitos metapsicológicos inicialmente de lado, na tentativa de manter-se fiel à experiência, de estar mais próxima do "coração selvagem". Alida coloca-se no texto. Escolhe a linguagem discursiva-poética, narrativa, alegórica, em lugar da conceitual. A escolha dos autores cujas teorias psicanalíticas lhe servirão de instrumento, num segundo momento, se fará também a partir da teoria que permanece viva, ligada diretamente à clínica e às potencialidades do viver. "O estilo de seus textos", diz ela, "reflete o interesse destes autores em organizar sua própria experiência subjetiva sem estrangular o significado recém-descoberto que conduzem, o que é condição de expressividade." (p. 16). Alida começa por apontar, no capítulo I, quem serão estes autores com quem dialogará mais tarde nos capítulos IV e V, e então parte direto para sua fonte inspiradora, o material bruto sobre o qual trabalhará: os diários de Marion Milner.

Antes do nome

Resenha de Alida Ionescu Brunow de Carvalho, A Ressurreição do Self: baseado num diário de Marion Milner, São Paulo, Atheneu, 1998, 150 p.

Em primeiro lugar, quem são estes autores? Em especial, Bálint e Winnicott, precursores do *Middle Group*, grupo que se manteve independente das querelas Klein/Anna Freud, reinantes na sociedade psicanalítica da época. Entre os seus componentes estão também Sylvia Payne, Paula Heimann, Fairbairn e, mais recentemente, a própria Marion Milner, Masud Khan, Margaret Little e Christopher Bollas. Segundo Alida "as críticas normalmente feitas a este grupo são de ecletismo e atabalhoamento (num jogo de palavras entre *middle* e *muddled*), o que parece expressar uma percepção de que estes analistas não são alinhados conceitualmente *a priori*, aferrados a técnicas e teorias que preenchem o espaço do relacionamento analítico, e que se permitem pensar questões básicas do analista de um modo aberto ao questionamento e à experimentação. Podemos

entender também a qualidade de "atabalhoamento" como a tendência a pensar de maneira a incluir o paradoxo". "Para Green", afirma ainda Alida, "a inclusão da contradição era algo que faltava à psicanálise, que normalmente trabalha com pares de opostos..." (p. 19). Por outra vertente, a autora recorre também a Bion, que possui fama de ser tão hermético quanto Lacan, e a quem introduz de modo acessível e sem perda de rigor.

No capítulo II, Alida dá plena voz a Marion Milner, reproduzindo vários trechos de seu diário para que o leitor tenha acesso direto a eles e forme sua própria impressão. Escritora, pintora e psicanalista, nascida em Londres em 1900 e falecida recentemente, em meados de 1998, Milner possui uma produção significativa e representativa dos acontecimentos deste nosso século. Seus textos exploram principalmente as questões ligadas à criatividade dentro e fora da clínica psicanalítica. Em *A life of one's own*, seu primeiro diário, ainda inédito no Brasil, que poderia ser traduzido por *Uma*

vida própria, Milner registra as observações minuciosas que faz de si mesma, motivada por sentimentos de futilidade e ausência de um sentido mais profundo para suas ações. Nesta ocasião Milner é uma jovem mulher com todas as marcas do início deste século, entre guerras, Freud, as artes de vanguarda... Sua escrita é um processo que se faz desde início abandonando a crítica e a racionalidade, concomitantemente descobrindo-se uma pessoa estranha a si mesma e, lentamente, esboçando uma nova individualidade. Com os anos a escrita se solta, dá um salto aparentemente para o oposto: do registro minucioso de suas observações, Milner passa a deixar-se levar pelo que emerge, ou melhor, passa a mergulhar e emergir do "elemento destrutivo", a confiar no inconsciente, no vazio, no branco Associação livre descoberta por si mesma enquanto método (a psicanálise, para Milner, viria depois), ancorada pelo branco do papel, por suas leituras, pelos autores e personagens da cultura e também, vamos descobrindo, por uma relação viva e verdadeira que vai se construindo com outra pessoa.

Do ponto de vista de Alida, "os modos de conhecer a realidade explorados por Milner em suas autobiografias constituem um método de questionamento da experiência, que busca através da atividade imaginativa encontrar os significados que a atravessam e se encontram organizados em torno de uma outra temporalidade, onde passado-presente-futuro acham-se mesclados e em estado de fluxo expressivo" (p. 133).

No entanto, acredito que o mais interessante em *A Ressurreição do Self* não está nos trechos que Alida reproduz dos diários de Milner e sim no que faz com este material. Voltemos então à proposta de Alida, para quem qualquer transformação do *self* é uma questão estética. Estética não como o belo, ou apenas isso, mas como a ilusão que nos permite não sermos apenas nós mesmos, da “ilusão que desfaz a separação excessivamente rígida entre o *self* e o outro, o *self* e o universo”. Para que as transformações aconteçam é preciso, antes de mais nada, ver-se como um ser separado e fazer, de fato, o luto advindo desta percepção. Então pode vir a se dar o desenvolvimento da capacidade de fusão não patológica *self/não-self*, processo primário/processo secundário, com a perda momentânea de limites, porém, sem o perigo da perda de si. Vencidas as resistências, o medo da loucura, e adquirida a confiança necessária, o resultado é satisfação estética e conhecimento. “Assim, parece que uma vez adquirido o sentido de uma existência separada é necessário que continuamente se desfaça tal sentido, em uma oscilação, caso o intuito seja de evitar a esterilidade psíquica” (p. 13). Construção de um saber sobre si, saber que não tem nada de intelectual ou ligado ao conhecimento consciente mas que tem a ver com saber da própria existência, saber de si existindo. Saber que só é possível se passar pelo fluxo do processo primário e pela identificação primária com os objetos: saber é ser.

A motivação para essa busca de transformação, como no caso de Milner, não é necessariamente um sintoma que faz alarde, mas a futilidade, o viver mineralizado e sem sentido e a sensação de que poder-se-ia viver uma vida inteira estando morto-vivo, *zumbi*, num sofrimento mudo. Viver é turbulência, e a ausência de sintoma não é necessariamente saúde...é neste espírito que Alida se une a Milner e escreve sua tese-diário-elaboração: permitindo-se passar pelos fluxos e refluxos do processo de viver, criação na fusão/desfusão com o outro, na fusão/desfusão de seus impulsos, oscilando no ritmo dos processos vitais... “Só encontramos a alteridade através da ilusão, que reencontra o outro em sua condição de familiaridade-estranheza na qual havia um abismo de separação, de outra forma intransponível” (p. 100). Mas isso vamos entendendo, ou melhor criando e inventando, descobrindo junto com a autora, misturando-nos a ela à medida em que nossos próprios fluxos associativos vão emergindo.

Para Alida, na esteira de uma interpretação pessoal de Bion, o processo vital de criação e transformação é também sagrado, místico. Este é um ponto tão delicado quanto importante neste trabalho e que merece ser lido com atenção (cap. IV). Aqui apenas indico, através de uma citação de Freud presente no livro, por onde caminham as colocações da autora: “O misticismo: a autopercepção obscura do reino, para além do Eu, do Isso” (p. 36).

A partir da análise dos diários de Milner, Alida propõe quatro movimentos básicos de transformação do *self* (capítulo III). São movimentos que se alternam e se sobrepõem, mas que caminham em espiral na direção do alargamento das possibilidades de ser. O primeiro movimento a autora denomina “Exílio intramuros: o mundo dos signos”; ele se refere à predominância de pensamentos, idéias, ideais que Milner usava sem que, no entanto, estivessem preenchidos de significações geradas a partir de suas próprias crenças, valores, experiências, necessidades e desejos. Este é o momento em que prevalece o uso da razão, produzindo um modo de viver seco e rígido, “mineralizado”. O movimento seguinte é o “Início da derrubada: o mundo dos arrabaldes”, da surpresa e do temor pela ruptura com o conhecido. O susto pela vida que começa a correr, ainda sem margens definidas, sem as palavras continentes que nos ajudam a dar formas às experiências.

O terceiro movimento – “Ressurreição dos escombros: (entrevendo) um mundo novo” – é o momento em que se vislumbra um modo de existir mais vibrátil, em que o temor de se perder pelo caminho não é mais o que prevalece. O quarto e último, chamado de “Tocando raízes: a abertura para o mundo”, trata do salto que é possível dar para uma vida mais inteira, integrando os afetos à razão. Salto que agora se dá assentado sobre a própria terra, sempre em abertura para as novas transformações de si mesmo e para o mundo. E então, as imperfeições pessoais podem vir a ser fonte de criatividade no cotidiano.

Na sua opinião são possíveis mudanças cujos efeitos são novos padrões de contato com a realidade, mais flexibilidade frente às descobertas, maior tolerância às dores e aos desconfortos, persistente curiosidade e interesse pela vida. Isso não quer dizer, de modo positivista ou maniqueísta, acreditar na vitória do bem sobre o mal e, sim, tomar todos os movimentos da alma como importantes, complexizar a alma com a integração dos seus mais diversos matizes: “os sentimentos negros da perda, o cinza-árido comum ao viver defensivo, o vermelho do corpo vivo e o amarelo da alma que desperta” (p. 145).

Quais as conseqüências desse modelo, suas implicações na clínica? Em primeiro lugar, Alida ressalta a importância de “que tornemos mais claros e conhecidos os modelos de desenvolvimento que (geralmente inconscientes) se encontram implícitos em nossa prática”...e que “não são os mesmos que a adesão voluntária a certas abordagens teórico-clínicas faz supor”, pois “o sentido das intervenções e interpretações a cada sessão pode ser encontrado em seu modo (do paciente) de funcionar mentalmente, mas diz respeito também a esse modelo e poder descobri-lo é de grande valor, por possibilitar maior clareza sobre o que nos orienta a cada sessão”... “ao refletir sobre estes padrões subjacentes, possamos tornar nossas expectativas mais realistas quanto às possibilidades de desenvolvimento de cada paciente, portanto, mais protegidas do auto-engano das idealizações” (p. 13-14).

A função do analista nesta perspectiva é ajudar o paciente “a sofrer a existência” (p. 118), e sua ética é “favorecer um encontro com um sentido próprio para a vida, sentido este (que) perdido ou nunca alcançado, é experiência de vivacidade e beleza” (p. 14). Ética do verdadeiro self, como diria Winnicott. Ou na linguagem de Joel Birman, em quem encontro afinidades, ressonâncias, com o trabalho de Alida: “Pode-se, pois, encarar a psicanálise como uma estilística da existência. Esta tem um registro ético

e um outro de ordem estética. Nesta perspectiva, o sujeito deve atravessar na análise a experiência dolorosa do desamparo e ser impregnado na sua carne pela feminilidade, única maneira que tem para se afastar de forma estrutural, da servidão do masoquismo e do flagelo erótico da falicização”.¹

Para a autora, “a natureza básica da experiência de abandono de si ao processo transformacional é uma atitude feminina, de *pathos* (ser vivido por), significada, no entanto, como condutora de um desfecho mortífero” (p. 110). A postura de *holding* do analista possibilita um continente para a mente que se vivifica. É preciso dar suporte ao dinamismo, à vibração, à intensidade, pois o novo tem que ter um espaço de continência e possibilidade de integração na identidade para que não se transforme apenas em loucura, mania ou explosão catastrófica. Um outro aspecto importante da postura do analista é sua neutralidade, aqui entendida também como a responsabilidade do analista por sua própria personalidade.

Ainda segundo a autora, dadas as condições favoráveis pode ocorrer um “momento mutativo”, propiciado por uma experiência simbolizadora. Experiência é ação. Alida nos brinda com um belíssimo poema de Adélia Prado: “Quem entender a linguagem entende Deus cujo filho é Verbo...”

Em momentos de graça, infrenqüentíssimos, se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. Puro susto e terror” (p. V).

Por que ressuscitar e não apenas renascer? (capítulos IV e V) Porque o caminho não é nem fácil nem indolor. “A metáfora do “colapso-sobrevivência-surgimento” do senso de vida que está de acordo com o devir é aquela que me parece ser a mais sugestiva para o fenômeno aqui discutido”, diz a autora. Alida, então, prossegue referindo-se a Bion: “Este autor enfatiza a dor vívida que costuma emergir nestes momentos, o sentimento catastrófico que a turbulência de existir (sempre evitada) geralmente provoca. Este “acontecimento”, numa análise, permite uma ressignificação do que seja viver e morrer para a experiência, assim como abertura para o “desentendimento” da experiência nova que anuncia um desenvolvimento” (p. 126-127).

Deixo aqui apenas nomeado mais um tema que ronda a questão da transformação psíquica: o da representabilidade ou não desse fenômeno. Enfim, cabe dizer ainda que se Alida não recorre diretamente ao velho e bom Freud, sabemos, no entanto, que de algum modo ele está lá. Aproximações quanto ao papel da pulsão de morte neste processo, por exemplo, são possíveis e até inevitáveis para os mais freudianos que, com seu estilo próprio, podem encontrar na produção da autora uma rica fonte de inspiração.

“Vias Abertas” é o nome do VI e último capítulo do livro. Ofereço aos leitores pequenos trechos: “Reflexões sobre as metamorfoses ocorridas com um caminhante tornaram-me alguém mais observadora dos verbos.” (p. 147). “Conhecê-los parece fazer parte de uma disciplina, na qual pode-se aprender a caminhar no desentendimento, até topar com algum pequeno ponto da realidade, encontrado em sua alteridade estranha, mas que também é percebida como fazendo parte de um fundo comum, que nos inclui, e é portanto familiar.” (p. 148)

“Paradoxos envolvem os verbos e seu modo incrível de enlaçar os entes.” (p. 148)

NOTAS

1. J. Birman, Por uma *Estilística da Existência*, São Paulo, Ed. 34, 1996, p.48.

Luciana Cartocci é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e do Laboratório de Estudos da Transicionalidade (PUC-SP).